



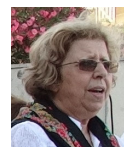
O Bengalinhas

Nº 1138
10.12.2016

Jornal da Terceira Idade
do Centro da Ajuda

Vamos Consoar

Irene Silva



Uma tarde com muita chuva

Irene Silva

No passado sábado o dia esteve tão chuvoso que uma grande parte do nosso convívio decidiu permanecer em casa, e poupar uma saída ao chapéu-de-chuva. Que seria um acessório absolutamente necessário para se proteger dos litros de água que S. Pedro decidiu enviar para a terra.

Por essa razão a sala esteve bastante vazia, mas a boa disposição não faltou.

Era um espaço enorme, um autêntico salão, para os poucos pares que nunca dispensam o pezinho de dança.

Houve um momento de canto alentejano interpretado por alguns dos alentejanos sob a orientação do Sr. Santos (elemento da Grafonola).



Lanchámos mais cedo e aproveitámos uma aberta para não nos molharmos até chegar a casa.

Eram apenas trinta
Os que ao centro chegaram
Vinham de chapéu-de-chuva
Por isso não se molharam

É já para a semana que todos, à mesma mesa, vamos participar em mais uma consoada.

Será a nossa 44ª Consoada!

Já lá vai o tempo, que para a maioria, este era o almoço de Natal. Viviam sós e os recursos eram poucos.

Felizmente os tempos mudaram e quase todo o convívio, nessa noite, está acompanhado por familiares próximos.

Mas para a equipa o espírito com que se prepara esta festa é o mesmo. Não se poupa a esforços para que nada falte e se viva um verdadeiro espírito natalício.

Como sempre a porta abrirá às 12h30m e depois de se livrarem do casaco que será colocado no bengaleiro, irá até à sala que este sábado tem um aspeto bem diferente.

Uma grande mesa posta para puderem saborear o tradicional bacalhau com batatas, grão, couves, a tão falada sopa de bacalhau, e o arroz doce tão apreciado por todos.

Que o Menino Deus nos recolha a todos com ternura no seu Presépio.



É Natal no Convívio
Boas Festas vimos dar
É já no próximo sábado
Que aqui vimos consoar.

À Imaculada Conceição

Mariana Borralho



Virgem formosa, que do sol vestida
De luzentes estrelas coroadas,
Do sol supremo fostes tão prezada,
Que em vós trouxe sua luz e nossa vida.

Virgem, do alto esposo recebida,
Tanto mais humilde, quanto mais alçada,
Só vós para o Criador fostes criada,
Só vós entre as humanas escolhida.

Qual sai a aurora, que trazendo o dia,
O céu, esmalta de púrpura e de ouro,
E as regras nuvens fogem de improviso:

Tal vós, estrela clara e nosso guia,
Trazendo á terra vosso alto tesouro
Converteste o pranto de Eva em risco.

Frei Agostinho (Séc. XVI)



Nossa Senhora da Conceição Padroeira de Portugal

Mariana Borralho

Nossa Senhora da Conceição é proclamada por El-Rei D. João IV, em 1646, Padroeira de Portugal, também é invocada como Imaculada Conceição, a Rainha de todos os Santos. Deus preparou uma criatura pura e cheia de beleza para ser a mãe de seu filho

<A grandeza do seu testemunho de fé expressou-se na humildade com que viveu, num contínuo esforço de discernir a vontade Deus e em ser solicitado em cumpri-la>

Este belo poema, que o Evangelista S. Lucas coloca na boca da Virgem Maria, Mãe de Jesus, traduz a gratidão pelas maravilhas que Deus faz nos simples e nos humildes: <A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

- Magnificat-

Como os tempos mudam

Etelvina Nunes



Em tempos que já lá vão
A mulher era uma escrava
Cuidava da casa e do lar
Ninguém a valorizava

A mulher era doméstica
Ou estava domesticada
Tinha que fazer tudo
O que o homem lhe mandava

E se o homem fosse visto
A limpar, pelas vizinhas
Logo havia quem dissesse
Que era um mariquinhas

O Estado Novo dizia
Sem hesitar um segundo
Que a mulher governa a casa
E o homem governa o mundo

O homem nada fazia
Tinha o proveito e a fama
Só ajudava a mulher
Á noitinha na cama

Aos poucos as coisas mudaram
A mulher emancipou-se
Aumentou os seus estudos
E depois empregou-se

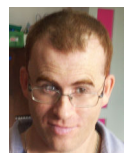
Até aqui tudo bem
Estava tudo equilibrado
Mas hoje as mulheres não sabem
Fazer um ovo estrelado

O homem cozinha e passa
É uma fada do lar
E se tivesse maminhas
Ainda dava de mamar.



PENSAMENTO

Luís Borralho



Envelhecer não é tão catastrófico
Se considerarmos a alternativa.

Voltámos a festejar o feriado da nossa Independência

Luísa Lopes



Um certo «coelho» maldoso
Pensando que era muito esperto
Um dia que não tinha nada para fazer
Pensou acabar com vários feriados
E naquela cabeça linda deu como certo.
Acabou com um dos mais importantes...
«O da Independência de Portugal» aos Espanhóis
Este dia que só tem muito valor para nós
Que somos portugueses em todos os instantes

Ele e a sua campanha pensavam
Que nós pobres portugueses, éramos um povo mol
Mas a forte personalidade de um povo que lutou
E com orgulho se livrou do domínio Espanhol

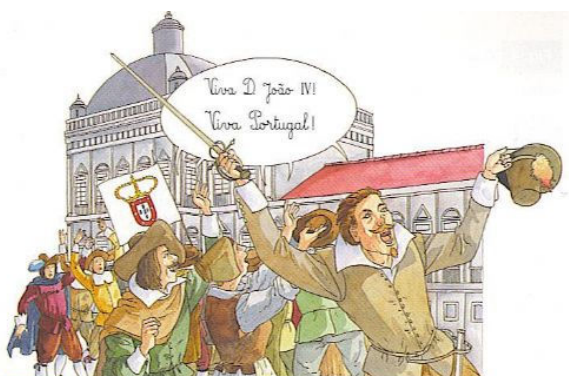
Segundo consta entre todas as pessoas
Algumas que compunham aquele grupo
Não estiveram de acordo
Com o corte destes feriados, que nem era temporário
Mas sim definitivo, a onde muitos pensaram
Que para isso, nem havia um motivo

Foi D. João o «Mestre de Avis» que comandou
Esta revolução e com orgulho devolveu
Aos portugueses o que era nosso por direito
A integridade de um povo que lutou com alma e coração
Para reconquistar a nossa Nação que cresceu.

Os Heróis da Restauração ainda hoje são lembrados,
E passados «376» anos o mais importante dos feriados
Está de volta para nos unir e afirmar
Como a nossa pátria é pequena
Mas os portugueses sabem lutar e amar.

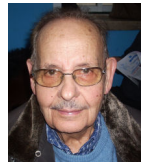
Que esta data o nosso povo nunca esqueça
1 de Dezembro de 1640

É que por este andar
Se não demonstrar coragem para parar
As forças do mal, qualquer dia
Nem íamos ter feriado para festejar
O nosso querido Natal.



Como é bem-vindo o sol

Francisco Borralho



Penso que não há ninguém que não adore o sol, especialmente mais quando ele é ameno.

Todos nós gostamos do tempo quente especialmente no Inverno, pelo menos neste período. No Verão o sol tem de ser acarinhado com precaução, como já sabemos.

Quando o calor nos aquece o corpo e a alma. Quem não gosta do calor de uma lareira, ou a sua cama quente, num dia de frio, ao viajarmos pelas colinas da memória, onde se vê os barcos a navegar pelo Tejo, a vida parece que nos sorri, e dá força a gestos esquecidos.

A olhar o céu e as estrelas, que nome se há-de dar a esta visão de ânsia que tem séculos.



És sol, o melhor pintor
Estendes de luz o lençol
Sol nascente, sol poente,
Tu és sol, o confidente da terra,
Teu grande amor.
Bendito sejas ó sol!

Bendito sejas ó sol
Que a todos nós ilumina,
Que das saúde, das vida,
Que das cor ao assebol
Às coisas das alegria
E nos ofereces o dia.
Bendito sejas ó sol!

ANEDOTA

José Manuel Carvalho



Um alentejano que vendia castanhas á porta de um banco, quando passava por ali um outro alentejano a cavalo numa bicicleta que logo travou e foi ter com o outro que vendia as castanhas.

- Samuel como tens passado?
- Olha arranjei este negócio que vai dando para viver já comprei um andar e um carrito um automóvel, diz o outro:
- Ainda bem que te encontrei, eu tenho andado ai nuns negócios que não correm nada bem, digote uma coisa podias emprestar-me ai um dinheirito.
- Olha eu fiz um contrato com o banco, nem o banco pode vender castanhas lá dentro nem eu posso emprestar dinheiro cá fora.

1

Os serões no Alentejo
São belos a recordar
Gente correndo lá fora
Outros correndo a passar.

2

Cá dentro juntos ao lume
Com as almas aquecidas
Os mais velhos contavam
Histórias
De vidas então vividas.

3

Com os sentidos atentos
E olhos arregalados
Crianças iam vivendo
Esses tempos já passados.

4

Na trempe a grande sertã
De migas p/ra acompanhar
O café que já fazia
A escolteira arredar.

5

A velhota com a tenaz
Punha a brasa no café
Até o gato sornava
Ao canto da chaminé.

6

Pegava então no canudo
Pertença da bisavó
Atiçava bem o lume
Com jeito sem fazer pó.

7

Lembra-me as candeias
Nas paredes penduradas
Alumiando almas vivas
Ao burralhinho sentadas.

8

As mulheres mais idosas
Usavam as caneleiras
Pois passavam os Invernos
Escarranchadas nas braseiras.

9

Canelas cheias de cabras
Que muita mulher ralava
De aquecer a dianteira
Enquanto o traseiro gelava.

10

Era a hora de cear
E depois de consolados
Iam todos para a cama
Sonhar os sonhos dourados.



11

Até ao cantar do galo
Que lhes dava o despertar
E assim pequenos e grandes
Todos iam trabalhar.

12

Com saudades vou lembrar
Esses tempos de então
Os convívios que faziam
Nesses tempos ao serão.

13

Hoje há cinemas, discotecas
Jogos p/ra diversão
E as famílias vão esquecendo
O que é passar um bom serão.

14

Perdem-se anos de convívio
Ficam coisas por contar
Esse tempo não deixa nada
De bom para recordar.

15

Eu pergunto á juventude
Que vais contar a teus filhos
Nos tempos que então virão
Irás procurar mas não achas
Nada no teu coração.

Quantos no final

José Manuel Carvalho



Quanta maldade
Quanta ambição
Quanta vaidade
Quanta frustração
Quanta consciência
Quanto cinismo
Matando a inocência
E o romantismo
E quantos pecados
No corpo e no pão
Só vejo falhados
Implorem perdão!
Neste mundo imundo
Quem não é culpado?
Olhe-se bem no fundo
Escute o meu recado;
Recriando o mal
É a destruição
E na reta final
Resta a paixão



O DIA DO EMBARQUE 2-12-1967

António Baião



Ao cais de Alcântara chegava,
Nesta data o dever me empossa,
A família com um sinal esperava,
Em cânticos da Angola é nossa.

Ao avistar o pendão,
Da nossa Senhora da Piedade,
Com a legenda a família Baião,
Quer paz...e solidariedade.

Após os abraços da despedida,
Entrei no Vera Cruz,
Deixei a minha mãe sofrida,
Igual há mãe de Jesus.

Numa fria soalheira manhã,
Na consciência um alerta,
Que na vida há um amanhã,
Com a conta feita certa.

É um desfolhar de páginas,
Dos pensamentos internos,
Aonde se engolem as lágrimas,
Dos sofrimentos maternos.

Onde perdura traumas e sustos,
A Deus, o meu brado porquê?
A resposta: é o reino dos injustos,
Há quem veja...e não vê.

É um labirinto cercado,
De marcos já sumidos,
Matuta sempre o passado,
Dos sonidos zumbidos.

Com este medo desperto,
Neste tempo furibundo,
É sempre um tempo incerto,
Para a paz...em todo o mundo.

É a desgraça, o desrespeito,
A desumanidade sem cor,
Com gentes de peito feito,
Na crueza e fúria do rancor.

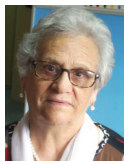
São os heroísmos forçados,
Nas defesas e vinganças,
Com mortos e estropiados,
E vivos que vivem de esperanças.

E somam-se dezenas de anos,
E a magoa ainda se traga,
Aonde os ensejos dão abanos,
Que a memória não os apaga.

Escondendo-os nos meus gracejos,
Sem pesos de consciência,
Formulando apelos de desejos,
Contra a ganância e violência.

Remorso e Desespero

Isilda Lopes



O remorso pode ser causa do desespero,
Viva tranquilo, se mal não praticou,
Respeite e ame sempre o seu semelhante,
É a herança maior que seu Pai lhe deixou,
Lá bem no fundo do seu coração ficou.

Só Deus conhece essa herança e bem,
Põem-nos à prova de conhecê-la também,
O Pai conhece o desespero do remorso,
E alivia o triste sentimento a quem tem.
E dá-nos a esperança e paz também.

Quando nos sentimos incomodados,
Tristes, desamparados, postos de lado,
Há apenas uma pequena esperança,
Entristecidos, dar tempo ao tempo,
Porque o tempo corre e não cansa.

O tempo voou por nós passou,
A doença invade a alma a quem a tem,
Uma pessoa doente, ou abandonada,
Sente desespero, e já desesperada,
Sofre dobrada saudade de sua mãe.



O tempo voando passou por mim,
Sem remorso em acto algum.
Nasci, chorei, cresci, sorri, cantei,
A Deus agradeço, tenho só o que merece,
Assim fui feliz, como Deus quis.

ADIVINHA

O que fazem 15 pessoas á porta de
um cinema?

Resposta ao número anterior: O chão

José Manuel Carvalho

Recordações das paisagens,
Da natureza com substância,
Que me dão há mente miragens,
Dum passado com distância.

